

POSSIBILIDADES DE ENSINO DOS VALORES DO “4 DE OUTUBRO”

*Hermenegildo Francisco Loiane*¹

RESUMO: *No contexto da relação existente entre a ideologia e a educação, analisam-se os tipos de valores transmitidos pela escola na nossa sociedade, como são transmitidos e, no final, se explora a possibilidade de utilização dos valores do “4 de Outubro”² na criação de outros valores.*

ABSTRACT: *In the context of the existing relation between ideology and education, the different types of values transmitted by the school in our society, how they are transmitted and by the end the possibility of using the 4th of October values is explored in the creation of other values.*

Keywords: *Ideology, education, values and society*

INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa a relação entre ideologia e Educação, tomando como unidade de análise o “4 de Outubro”, consagrado dia da paz e da reconciliação nacional. A importância da ideologia deriva da íntima relação que a Educação tem com o poder político. MUSGRAVE (1978, p. 307), dentre outras funções, identifica a função política, na qual a Educação deve em primeiro lugar, abastecer dirigentes políticos a todos os níveis da sociedade democrática, e depois, pede-se à Educação que ajude a preservar o atual sistema de governo garantindo lealdade popular para com ele. Essa lealdade implica uma confiança entre a Educação e o poder político. Este guia-se por determinada ideologia que é definida por FERNANDES e BAMBO (2009, p.106) como o conjunto de ideias jurídicas, políticas, morais, religiosas, filosóficas, científicas e artísticas que fundamentalmente servem os próprios indivíduos na apreciação das suas relações. Ou seja, conjunto de crenças e de conceitos que têm como função explicar a realidade social através de códigos de leitura específicos de grupos ou indivíduos, inspirando-se largamente em valores, propõe uma orientação precisa à ação histórica desse mesmo grupo. Por outro lado, a ideologia como o campo de intercepção entre a

¹Psicólogo, Professor da Universidade Pedagógica, Delegação da Beira, Moçambique - Chefe do Departamento de Psicologia Escolar.

²Dia de Acordo geral de Paz em Moçambique, assinado em Roma, Italia, Entre o Ex-presidente Joaquim Chissano(FRELIMO) e o Líder da Oposição Afonso Dhlakama (RENAMO).

Educação e a política, transforma a sociedade mediante a produção de valores e a criação de fronteiras de ação. É um facto que o tratamento educacional do “4 de Outubro” não tem tido grande impacto em termos de educação de valores que essa efeméride encerra. Por um lado, não se aplica o princípio de - parafraseando a José Martí – *A melhor forma de dizer é fazer*³ por parte dos protagonistas do Acordo Geral de Paz e, por outro, existe pouca exploração educativa dos valores que nortearam a assinatura do acordo.

Essa realidade pode constituir-se numa possibilidade de análise do fazer educativo dos professores, na procura de pontos de contingência para o desenvolvimento de uma educação de valores aceites na nossa sociedade. A importância dos valores no funcionamento social torna legítima a preocupação sobre que tipos de valores são transmitidos pela escola, como são transmitidos e que outras possibilidades podem ser exploradas na Educação desses valores, no caso, os valores do “4 de Outubro”. Assim, pretende-se com este ensaio explorar uma possibilidade de aproveitamento de Educação de valores sociais no nosso contexto, com base numa percepção crítica.

OS DESAFIOS DA DIVERSIDADE IDEOLÓGICA NA EDUCAÇÃO

A diversidade social e cultural em Moçambique, produz várias dicotomias que em Psicologia pode resumir-se no conceito de *double bind*⁴. Visão similar encontra-se em CASTIANO (2005), que explora as aporias existentes na Educação em Moçambique entre Identidade Nacional e Culturas Particulares, entre “Educação Para Todos” e “Qualidade Para Poucos”, entre a Autonomia e a Dependência e, entre a Educação Geral e a Formação para o Trabalho. Co-existem nas instituições de ensino em Moçambique, de todos os níveis, vários contingentes de professores/formadores cuja formação inicial foi guiada por determinadas políticas educativas, fundamentadas nas correspondentes filosofias de educação; podendo-se agrupar em três grandes grupos:

- (i) Um primeiro grupo constituído por professores/formadores, produto inicial da educação do período colonial, principalmente graduados de Professor do Posto Escolar para indígenas com um perfil caracterizado essencialmente pelo processo de assimilação;

³José Julián Martí Pérez (Havana, 28 de Janeiro de 1853 – Dos Ríos, 19 de Maio de 1895) foi um político, pensador, jornalista, filósofo, poeta e maçom cubano, criador do Partido Revolucionário Cubano (PRC) e organizador da Guerra de 1895 ou Guerra necessária. Seu pensamento transcendeu as fronteiras de sua Cuba natal para adquirir um carácter universal. Em seu país natal também é conhecido como «*El apóstol*».

⁴ Num processo de comunicação há *double bind* quando uma das pessoas formula à outra duas declarações ou lhe dá instruções que são contraditórias do ponto de vista lógico.

- (ii) Vários sub-grupos de educadores formados na Época Socialista (1975-1987) e Época Pós-Socialista (1987-2000), na concepção de DIAS (2002); diferentemente do corte temporal que faz GOLIAS (1993), que situa este período entre 1975 a 1992. Contudo, pode se caracterizar como o período da coexistência da ideologia e da utopia e;
- (iii) Por hipótese, o período que vai de 1992 até a actualidade cuja principal característica é a proletarianização da função docente, ou seja, economicismo educacional.

Para o Moçambique do pós-guerra e em processo de reconciliação, o setor educativo constitui um desafio da primeira linha, não só na sua valência económica, mas, também, social e política (NGOENHA, 2000: p. 216). Com efeito, se na união entre a educação e a política está a ideologia, é necessário estar atento aos efeitos do poder político na Educação. Acrescente-se a esta diversidade, outra existente entre a escola rural e a urbana, a pública e a privada e/ou mista e, conseqüentemente todo um conjunto de ideias e concepções que expressem os interesses vitais das classes e grupos sociais. Perante esta diversidade torna-se uma empresa gigante a identificação de valores comuns a todos os moçambicanos. Porém, o Acordo Geral de Paz como materialização de consensos entre dois grandes grupos de interesses, pode dar pistas sobre ideias e concepções gerais desses grupos representativos de interesses nacionais e extrair daí valores que devem ser transmitidos pela escola.

Nos documentos que fazem parte do Acordo Geral de Paz, particularmente o PROTOCOLO I, dentre outros assuntos, enfatiza o método de diálogo e de colaboração entre as partes como forma de se alcançar os objetivos do acordo. São esses métodos que, extrapolados para a práxis docente, na maioria das vezes não são aplicados; quer na relação aluno/aluno, aluno/professor, professor/professor, escola/comunidade, etc. Pelo contrário, outros valores são - explícita ou implicitamente - valorizados em detrimento de outros que pouco a pouco vão perdendo terreno. Somos de opinião de que não se trata essencialmente da perda de valores, mas de substituição por outros como consequência da diversidade de visões do mundo. Diversidade que não poucas vezes é confundida com diferença. O termo diversidade diz respeito à variedade e convivência de ideias, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente.

A ideia de diversidade está ligada aos conceitos de pluralidade, multiplicidade, diferentes ângulos de visão ou de abordagem, heterogeneidade e variedade. E, muitas vezes, também, pode ser encontrada na comunhão de contrários, na interseção de diferenças, ou ainda, na tolerância mútua. Enquanto a diferença está conotada com divergência e transtorno que pode levar a confrontação. TRIANDIS (1995: p. 95)

apresenta um ponto de vista que pode explicar a origem nas sociedades “em transição”⁵ ao descrever as diferenças interculturais entre assertividade/competição e lealdade ao grupo/cooperação da seguinte forma:

“Nas culturas «puramente colectivistas» as pessoas estão socializadas para obedecer e submeter-se às normas e metas do seu grupo e existe pouco debate sobre a conveniência dessa acção. Contrariamente, nas culturas «puramente individualistas» as metas individuais tem prioridade e normalmente não existe objecção sobre as acções que sirvam a interesses próprios do indivíduo. Pressupõe-se que as pessoas tem direito a fazer da sua vida o que pretenderem. se isto não prejudica aos outros são permitidas fazê-lo, sem fomentar as metas do grupo.”⁶

Na sociedade moçambicana, a tentativa de absover o melhor de cada um dos paradigmas sociais, traz à luz os pontos negativos de cada um dos paradigmas. As opções sempre têm suas desvantagens; pretender apenas as vantagens do paradigma eurocentrista, portanto individualista, cria a percepção da perda de valores inerentes ao paradigma africano e oriental, ou seja, coletivista. A opção da construção de uma sociedade forte, desenvolvida e principalmente moderna, está intimamente ligada, diga-se de passagem, de forma errónea, à noção de uma sociedade à moda ocidental. Ora, a maioria das culturas não são formas «puras» de nenhum destes síndromes. São uma mistura única dos dois (*Ibd.*).

A construção de uma mistura única dos dois modelos é que pode nos proporcionar um atributo essencial da cultura que é a inclusão de significados compartilhados que não necessitam de ser debatidos. A correção de uma ação deve ser tão evidente que as pessoas não necessitem discuti-la. No nosso caso constitui um desafio transformar a diferença em diversidade para, por esta via, encontrarmos significados compartilhados que independentemente do modelo de formação de professores e a ideologia subjacente a ele, não necessitem de ser discutidos. Estes significados são os que deveriam ser transmitidos ao invés de fragmentos ou partes, sem no entanto, constituírem um todo como tem ocorrido. Assim, relativamente a questão sobre que tipo de valores são transmitidos pela escola, pode se afirmar que os valores que são veiculados pela escola hoje em Moçambique são vários, diferentes, dependendo do contexto e da formação do professor. Não é uma pretensão de homogeneidade, mas a necessidade de configuração de um conjunto de valores que devem ser compartilhados por todos. Alguns dos quais podem ser os inerentes ao “4 de

⁵Existe a sensação na nossa sociedade de uma falta de orientação sobre que País queremos construir. Até haver consensos, no processo de construção da moçambicanidade, estaremos em transição.

⁶Tradução livre do autor

Outubro” que podem primar, na atuação quotidiana de cada um, como o diálogo, colaboração e tolerância, dentre outros.

ENSINO DE VALORES

Os objetivos últimos da educação têm sido descritos como Saber, Saber Fazer e Saber Ser. É neste último objetivo que se enquadra a questão do ensino de valores, principalmente morais. Estes, são categorias que indicam e prescrevem o dever ser. Há várias taxonomias dos valores. No que diz respeito aos valores morais, são conhecidas as posições de Platão e Aristóteles. Para o primeiro, os valores morais podem resumir-se numa única virtude: a justiça. Para Aristóteles, há uma pluralidade de valores morais. Para além destes autores, outros, vários, debruçaram-se sobre a questão de valores como, por exemplo, Confúcio, Kant, Durkheim e Kohlberg. Na Actualidade, existem três modelos de ensino dos valores: o modelo da clarificação de valores, o modelo comunidade justa e o modelo de educação do carácter.

POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO DE VALORES

Cada país, cada sociedade tem realidades e valores diferentes e, por isso, Ngoenha (2000) ilucida que o relativismo cultural impõe como normas o respeito pelas diferenças, a tolerância, a crença na pluralidade de valores, a aceitação da diversidade. *A ideia de educação de cada povo depende, portanto, da sua realidade concreta e de seus valores*, na visão de Golias. Valor é o ideal que inspira e norteia a maneira de ser e de agir de uma pessoa, de um grupo ou de uma colectividade. Ou seja, é a partir dos valores aceites e partilhados por um grupo social que se definem regras ou normas sociais que, por sua vez, vão condicionar o comportamento social dos seus membros (FERNANDES e BAMBO, 2009, p.74).

A necessidade de educação de valores defronta-se a dicotomia do “tradicional” e o “moderno”, mas, a chamada tradição é, normalmente, um conglomerado mestiçado de contradições, no qual o exercício da modernidade está «colado» ao que Elias chamou «efeitos de retardamento»: a vida social que deu origem a certas práticas já não existe, mas certos hábitos e certos costumes continuam a subsistir como um fóssil, como «uma peça de museu», dando a ilusão de que, afinal, as coisas são como sempre foram (SERRA, 1997, p. 24). Porém, existem outros agentes, como a família, que diferem no seu estilo de vida e distribui certas formas de conhecimento diferencialmente pela sociedade, como também a natureza muito complexa e especializada dos papéis económicos contemporâneos implica uma posterior

distribuição do conjunto de conhecimentos sociais. Além disso, as exigências educacionais de muitas profissões são tais que muito poucos pais são hoje capazes de ensinar aos filhos o que eles precisam saber para desempenhar tais papéis. Daqui releva o papel da escola na socialização e, por extensão, na difusão de certos valores. Uma alternativa para enfrentar a diversidade na educação de valores é a transformação dos valores do “4 de Outubro” em *valores instrumentais*⁷. O diálogo, a reconciliação, a tolerância, podem tornar-se instrumentos para a criação e consolidação de outros valores. Assim, mediante o diálogo pode-se discutir sobre que valores devem ser transmitidos às novas gerações, processo que implicaria a reconciliação de posições diferentes e a tolerância com relação aos valores do outro, por muito divergentes que sejam, para se chegar a consensos.

A chave para uma realização eficaz de projectos educativos de inovação nos centros escolares está nos recursos e na preparação das pessoas que têm que implementar esses projectos. Por isso, a apropriação consciente e explícita – quer na formação inicial, quer noutras modalidades de formação – por parte dos educadores dos valores, pode ser uma boa forma de iniciar a transmissão de valores. Para isso, é imperiosa a discussão pedagógica sobre a temática e a sua inclusão nos programas curriculares de formação de professores. Estes, porque conscientes e proprietários de certos valores, seriam uma alternativa viável na transmissão de significados compartilhados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância dos valores no funcionamento social torna legítima a preocupação sobre que tipos de valores são transmitidos pela escola, como são transmitidos e que outras possibilidades podem ser exploradas na educação desses valores, no caso, os valores do “4 de Outubro”. Assim, pretende-se com este ensaio explorar uma possibilidade de aproveitamento de educação de valores sociais no nosso contexto, com base numa percepção crítica. Assim, relativamente a questão sobre que tipo de valores são transmitidos pela escola, pode-se afirmar que os valores que são veiculados pela escola hoje em Moçambique são vários, diferentes, dependendo do contexto e da formação do professor sem, contudo, significar que sejam que os desejáveis ou não. A veiculação desses valores nem sempre é consciente e explicitável sendo, muitas vezes, inconsciente e pouco reflectida. A principal via de transmissão é a imitação. Existem, com efeito, possibilidades de utilização consciente e programada dos valores do “4 de Outubro” como valores instrumentais que permitiriam a configuração

⁷Valores que podem produzir outros valores.

de consensos sobre os principais valores a transmitir. Essa possibilidade está na integração nos currículos de formação de professores de conteúdos inerentes aos valores e sua transmissão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTIANO, J. P.; NGOENHA, S. E. e BERTHOUD. G.. **A longa marcha de uma educação para todos em Moçambique**. 2. ed. Maputo, Imprensa Universitária, 2005.

DIAS, H. N. **As desigualdades sociolinguísticas e o fracasso escolar, Em direcção a uma prática Linguístico-escolar**. 1. ed. Maputo, Promédia, 2002.

FERNANDES, P. e BAMBO, J. A.. **Sociologia geral**. 1. ed. Maputo, Alcance Editores, 2009.

GOLIAS, M.. **Sistemas de ensino em Moçambique, Passado e presente**. 1. ed. Maputo, Editora Escolar, 1993.

MUSGRAVE, P. W.. **Sociologia da educação**. 2. ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

NGOENHA, S. E.. **Estatuto e axiologia da educação**. 1. ed. Maputo, Livraria Universitária, 2000.

RATHS, L.; HARMIN, M. e SIMON, S.. **Values and teaching**. Columbus, Charles Merrill, 1966.

REIMER, J. P. e HERSH, R. **Promoting moral growth, From Piaget to Kohlberg**. Londres, Longman, 1983.

SERRA, C. **Novos combates pela mentalidade sociológica**. Livraria Universitária, Maputo, 1997.

TRIANDIS, H. C. **“Diferencias interculturales entre asertividad/competición y lealtad al grupo/cooperación”**. In: Hinde, R. J. e Groebel. J. (Ed.): **Cooperación y conducta prosocial**. 1. ed. Madrid, Visor Distribuciones, 1995.

VALENTE, O. **A escola e a educação para os valores**. Antologia de textos, Lisboa, Faculdade de Ciências de Lisboa, 1992.